



# MENDIGOS DA PRAÇA DA CIÊNCIA

Carolina Cunha Pereira Frutuozo

**A**s ruas vazias exalavam tristeza, mas ainda assim tinham o seu charme. O ar carregava um peso mórbido de mais de quatrocentos dias de quarentena, um fardo inevitável que ninguém mais queria carregar. Somente agora, depois de trezentas mil vidas desperdiçadas, é que as cidades ensaiavam medidas mais bruscas. Melhor dizendo, ensaiavam medidas bruscas sem custo algum, pois testagem em massa ainda estava fora de cogitação. São Carlos estava em constante ameaça de *lockdown*, ora por necessidade própria — mais de seis mortos diários para uma cidade de duzentos mil habitantes —, ora por solidariedade às cidades vizinhas, que inevitavelmente adotaram a medida. A vida, portanto, ficava oscilando entre os medos da liberdade e os males do cativeiro, vez ou outra se perdendo nos desvarios da necessidade econômica. E ela, da janela, sentia tudo isso. Sentia, mas, de alguma forma, sempre continuava. Por quê? Difícil responder tal pergunta quando até mesmo o mundo parou. Melhor dizendo, difícil responder tal questão quando todos pararam e o mundo, de maneira egoísta, seguiu correndo nas bolsas de valores; seguiu caminhando sozinho e deixou todo mundo para trás. Continuava por necessidade econômica? Será? Um tanto ilusório, neste momento, acreditar na fábula meritocrática de que estudar

na Universidade de São Paulo lhe livrará do inferno do desemprego. O mercado dá sempre uma mãozinha (invisível) para que, de alguma forma, todas as certezas e esforços não sejam suficientes. Continuava, então, por amor ao ofício? Em parte. Em tempos de guerra, amamos primeiro a vida, o resto se torna não essencial, tal qual o mar de portas fechadas que enfeitam as ruas. Concluiu que continuava por paixão. Paixão pela ciência, um sentimento louco, uma vontade inexplicável de abrir os olhos para a verdade enquanto o mundo se esforça em nos conceder antolhos; sentimento puro que movia seus pés para fora de casa todos os dias, mesmo durante o isolamento, mesmo durante as medidas econômicas que cortavam a maioria das bolsas dos cientistas brasileiros. Então, como fazia todos os dias, ela se entregou a paixão e deixou o apartamento rumo à universidade.

O longo eco dos passos na escadaria fazia o trajeto solitário parecer ainda mais solitário. Ela estremeceu. Procurou comedir os passos, torná-los suaves, para que não fizessem tanto barulho. Sentia medo de incomodar a malandragem que passou a noite nas ruas e agora descansava. Foi o próprio síndico — um comerciante angustiado — que lhe avisou para não perturbar os elementos. Fazer o quê? Moradia precária é assim mesmo, todos os tipos de pessoas humildes morando juntas, empilhadas em apartamentos minúsculos, lutando para sobreviver. Sem bolsa científica, era o que ela podia pagar, e ela era muito grata, sabendo do grande esforço dos pais. Quando chegou ao térreo, despediu-se do porteiro que, como de costume, portava a máscara apenas na boca. Ela já o havia explicado sobre a doença, já havia alertado sobre a necessidade de cobrir o nariz, mas nunca obteve sucesso. Praticar a ciência no Brasil é um trabalho cansativo, afinal. Travar uma ba-

talha contra a ignorância e a desigualdade social histórica é algo frustrante e, ultimamente, tem sido mais difícil, com a ignorância sendo celebrada e institucionalizada. E quanto a ter paixão pela ciência, no Brasil? Iguamente difícil. Porém, a paixão é uma batalha que sempre vale a pena.

Ao trancar o portão, reparou pela primeira vez no nome de seu edifício. Rodrigues Alves. O presidente que morreu de gripe espanhola. Inevitavelmente, a coincidência se transformou em uma ironia ácida e lhe tocou o rosto, esboçando um sorriso no canto dos lábios. Há cem anos, a gripe matou um presidente sanitarianista. Hoje, um presidente antisanitarista mata de gripe. Um verdadeiro insulto à ciência nacional. Um verdadeiro retrocesso. Mas, quem liga, afinal? Quem sabe quem foi Rodrigues Alves, diga? Quem sabe o que é uma vacina? Atualmente, as pessoas só sabem o que é revolta, estão massacradas demais para saber qualquer coisa além de revolta. Estão desesperadas demais para se importarem com máscaras e medidas de contenção. Em meio à distopia neoliberal, eles já não acreditam em mais nada, por que acreditariam na ciência? Por que eles acreditariam em uma ciência que pode salvar as massas e escolhe não o fazer? Por que confiariam em uma ciência que se submete a interesses econômicos e políticos poderosos, uma ciência que se reduz a bilionárias patentes de vacinas e prêmios científicos? O fluxo de pensamentos rebeldes lhe fez engolir seco. Uma realidade muito difícil de aceitar. Pensando dessa forma, ela até entendia o porteiro da máscara na boca. Por outro lado, também entendia a paixão científica que apertava seu peito e insistia em espalhar verdades ao mundo.

Perdida em devaneios, ela teve que apertar o passo para chegar a tempo à universidade. Agradeceu por estar a pé, pois o

trânsito estava congestionado por conta da vacina dos idosos. A faixa etária do dia, aparentemente, era acima de 75 anos. Nesse ritmo, ela sabia que seria vacinada apenas no fim do ano. Isto é, se for vacinada, e se sobrar vacina para o Terceiro Mundo depois da vacinação dos países do Primeiro Mundo. A vacina nacional, repetindo o triste roteiro da história brasileira, dependia da importação de insumos estrangeiros, por isso andava a passos lentos. As vacinas estrangeiras só chegam a solo brasileiro com a permissão norte-americana. E o tratamento sugerido pelo presidente é um remédio sem eficácia comprovada cientificamente. Era um insulto atrás do outro à paixão inocente que seu peito nutria pela ciência. Mas, mesmo ferido, mesmo sem caminho, o sentimento ainda lhe fazia caminhar.

Quando chegou finalmente à porta da universidade, uma cena curiosa lhe atingiu. A pequena praça da Ciência, construída às portas do Departamento de Física da USP São Carlos, estava lotada de mendigos. Seus bancos, com nomes de cientistas europeus famosos, serviam de abrigo aos desalojados. Seus painéis informativos serviam de apoio para improvisados telhados de lona. Ao redor da pequena maquete de planetário, orbitava um triste universo miserável. E as fotos dos cientistas, silenciadas, assistiam ao triste espetáculo. Foi como uma fachada no peito, uma pequena morte. Uma representação fidedigna da ciência nacional, moribunda, sofrendo e pedindo ajuda, eternamente orbitando ao redor do sol do Primeiro Mundo. Naquele momento, a jovem aspirante a cientista se sentiu mais um mendigo abandonado na praça da ciência mundial. O peito, porém, insistia em arder de paixão, lutava contra a dor e mostrava que a ciência brasileira, mesmo em dificuldades, ainda estava viva. Ainda acolhia os necessitados, ain-

da alicerçava estruturas, ainda assistia ao caos, incrédula. E ainda continuava. E por isso, ela também continuaria. Por paixão? Sim, havia muita paixão. Mas havia também a razão. E a razão, mesmo mendigando, nunca deveria sucumbir.